

"A PEDAGOGIA DE RUI BARBOSA"

De EVARISTO DE MORAES FILHO

DIZIA Rui Barbosa que faz parte do bom estilo fugir ao lugar-comum. Sem dúvida alguma, mas vêzes há em que somente o lugar-comum significa bem aquilo que se quer exprimir. E nem poderia ser de outro modo, já que as verdades profundas, escreve Chesterton, são sempre lugares-comuns. Ninguém pode deixar de dizer que a água molha, que o Sol esquentava, e assim por diante. Pois bem, com a publicação de "A Pedagogia de Rui Barbosa", veio o Prof. Lourenço Filho preencher uma lacuna na imensa bibliografia dedicada a Rui. Houve como que um deslocamento do interesse cultural, deixando descansar um pouco os seus aspectos ultra-surrados do jurista, do constitucionalista, do político, do vernaculista.

Foi para nós uma surpresa muito agradável este contato com o pensamento pedagógico de Rui. O assunto ganha bastante em densidade, assim concentrado numa monografia de 130 páginas, sem excessos de linguagem, nem derramamentos encomiásticos. Aproximados os diversos momentos em que o grande brasileiro tratou de matéria educativa, surge como que por encanto uma unidade doutrinária e conceitual daqueles elementos esparsos.

Numa obra bem escrita — na maior parte produto de conferências — vai Lourenço Filho penetrando as idéias pedagógicas do antigo Conselheiro do Império. Procura de início explicar as causas da dedicação de Rui à tradução do livro do educador norte-americano Allison Normal Calkins, "Primary Object Lessons", aqui aparecido com o título de "Primeiras Lições de Coisas", em 1886, embora já estivesse acabada em preparos de edição desde 1881. À página 16, indaga Lourenço Filho: "Como explicar esse silêncio em assunto em que tanto se empolgara, e ao qual, já mesmo ao tempo de estudante, dedicara tanta curiosidade e amor?..." E acrescenta (pág. 17): "Eis aí delicado tema para psicólogos".

Ora, ninguém mais indicado do que o próprio autor para tentar a empresa, mormente por se tratar de estudioso da especialidade, além de renomado psicólogo, catedrático que é da disciplina. Em ensaio posterior, o terceiro do livro, salienta os motivos sentimentais que teriam levado Rui à versão daquele livro americano. Mas, já anteriormente escrevera: "Tais eram, parecem-nos, as que brotavam da tendência que não só se objetivara em repetidos atos — de grande beleza, aliás — como foi sempre reconhecida e proclamada, por ele próprio. Ainda em discurso da Faculdade de Direito de São Paulo, em 1909, volvidos mais de trinta anos sobre a morte de João Barbosa, Rui afirmava: "De modo que, a cada passo de minha vida, o que eu sinto dentro no mais íntimo de mim mesmo, é meu pai. Ele não morreu: em mim vive, e reviverá, enquanto alguma coisa de mim restar"... O pai era-lhe o amigo, modelo do qual não se desprendia".

Ao redigir os seus famosos pareceres sobre educação, em 1882, tinha Rui dois grandes objetivos em mira, além da sólida amizade que o prendia ao seu conterrâneo Rodolfo Dantas, então Ministro do Império: obtenção do título de Conselheiro da Coroa e a indicação para Ministro dos Negócios do Império, antes dos trinta e cinco anos. Obteve o primeiro, mas não conseguiu o segundo, fato este que lhe marcou fundamentalmente o temperamento. Todos esses fatos ocorreram entre 1882 e 1884. E a não ser esporadicamente, como jornalista, nunca mais voltou Rui Barbosa a cuidar de assuntos de educação. E escreve Lourenço Filho: "Tanto mais de lamentar quanto a educação do povo constituiu em seu pensamento político um dos fundamentos de doutrina, e a maior justificativa de ordem social em que o iluminava".

Aproxima Lourenço Filho o pensamento filosófico subjacente nos pareceres de Rui às doutrinas pedagógicas dominantes no Século XIX, de Kant, Fichte, Schelling, Comte, Spencer, Pestalozzi. E esclarece: "Não partiu ele de um sistema rígido de filosofia, para a educação, embora aos sistemas conhecesse — como no estudo "Rui Barbosa

e os Livros", bem demonstra Homero Pires e como ele próprio declarou: "Percorri as filosofias, mas nenhuma me saciou: não encontrei repouso em nenhuma..." Talvez se possa dizer de Rui o que já se disse de Carlyle, cuja filosofia não era de base rigorosamente especulativa, nem de base empírica, mas uma simples filosofia da vida, inseparável da experiência pessoal".

Conclui Lourenço Filho que a pedagogia de Rui refletia bem a sua própria personalidade: idealista por tendência; racionalista por sistema, ou influência de formação; naturalista por amor à certeza e à eficiência do método, espelha a insegurança e angústias da época em que foi elaborada.

Eis aí um belo livro, seguro, bem escrito, bem pensado, equili-

brado, sem exageros de panegírico, nem excessos de crítica. Nota-se o entusiasmo de antigo leitor de Rui, entusiasmo que talvez venha desde a juventude, dos tempos dos bancos escolares, na Faculdade de Direito de São Paulo (poucos sabem que Lourenço Filho é bacharel em Direito, como toda gente...). Com este livro, realiza Lourenço Filho uma das funções que julgamos primordiais ao professor universitário: fugir do seu hermetismo cultural, da sua torre de marfim da universidade, tratando de assuntos mais gerais e de interesse mais humano, fazendo, se não obra de divulgação, pelo menos colocando a sua cultura em contato com maior número de leitores, fora do círculo restrito de seus alunos. E isso não deixa de ser obra de pedagogo,

como se não fôsse Lourenço Filho um dos mais completos educadores brasileiros.

Recomenda-se, pois, a leitura do livro como quem indica um novo aspecto da densa e múltipla paisagem cultural de Rui Barbosa, de cujo estudo ele sai mais humanizado e — por que não dizê-lo? — bem mais simpático e atual. Completa o livro um cuidadoso e tanto quanto possível sistemático ementário pedagógico do pensamento de Rui, colhidos os trechos aqui e ali, com indicação precisa do local. Embora publicado bem depois das comemorações do centenário de Rui, veio demonstrar o livro de Lourenço Filho que ainda era possível dizer-se alguma coisa de novo num assunto (Rui Barbosa), que já parecia irremediavelmente esgotado.

A bigam